

*Pe. Jayme de
Oliveira Rocha*



Pe. Jayme de Oliveira Rocha, sdb

A plenitude na simplicidade

Ocorreu-me iniciar a sua carta mortuária citando o seu xará, o Pe. Jaime Rodrigues: Há vários anos, quando a escola agrícola de Valsalice ainda se encontrava muito isolada na zona rural em que a casa fora erigida, por um descuido, acabou-se a reserva de hóstias consagradas no sacrário da pequena capela. Contam que, quando o santo coadjutor Miguel Sablocky percebeu, começou a chorar desconsoladamente porque o Senhor não estava mais na casa. Formas, expressões de amor infantis, pode-se dizer, mas reveladoras não da teologia especulativa de grandes doutores e de sublimes elucubrações, mas da sabedoria e do amor dos pequenos, aos quais Deus revela o mais sublime de seus mistérios. Como a simplicidade do irmãozinho cozinheiro que perguntou ao douto São Boaventura se uma velhinha humilde e ignorante podia amar a Deus mais que ele, que sabia tanto de Deus. E, depois de ouvir a resposta do santo, saiu gritando: "Oh! Feliz velhinha que podes amar a Deus mais do que o douto Frei Boaventura!" (Encontro com Dom Bosco, p. 93).

BIOGRAFIA

Padre Jayme! Simplicidade é a sua marca registrada. Nossa tendência é a de sempre querer mais. Ser mais do que somos. Ter mais do que temos. Até mesmo em se tratando de virtudes, que, às vezes, perdem-se na ânsia de alcançá-las. Sejamos o que somos. Assim damos glória ao nosso oleiro que, de nossa argila, fez uma talha majestosa... Quem sabe uma daquelas que conteve a água transformada em vinho lá em Caná; ou fez um belíssimo jarro, para conter o nardo, artístico, obra-prima que encanta os olhos... Quem sabe aquele jarro que continha o perfume que a mulher derramou nos pés de Jesus; ou fez uma bilha muito útil, na qual está contida a água que mata a nossa sede... Ou, quem sabe, fez de nossa argila uma simples caneca! Sejamos o que Deus quer e não o que nós queremos... Pois, ainda que fôssemos as criaturas mais excelentes do mundo, para que nos serviria isso, se não correspondêssemos à vontade de Deus? (São Francisco de Sales)

Simplicidade e plenitude, juntas, acendem a luz verde do diapasão. Há plenitude no oceano imenso. Há plenitude no lago. Há plenitude no rio como há plenitude no poço pequeno e raso. Observando e admirando a simplicidade do padre Jayme, percebe-se que é pura verdade. Sua simplicidade foi o manancial onde ele hauriu energia para fazer o bem que fez... às crianças e jovens, no oratório; aos paroquianos por onde ele passou, entre os quais era muito benquisto. Não se esqueça do seu trabalho também entre os encar-

cerados. Essa marca ele gravou no seu currículo pastoral. Foi uma de suas pastorais. Uma das pastorais que muito apreciava era a carcerária. Conseguia arrebanhar muitos leigos para esse apostolado. Era de se admirar seu empenho e sacrifício nesse mister.

Quando o padre inspetor me pediu que escrevesse a carta mortuária do Pe. Jayme, eu me assustei. A responsabilidade é grande. Não convivera com ele. Conhecia-o apenas daqueles momentos de encontros rápidos ou retiros. Num desses retiros, lembro-me, levei dele uma bronca por conta de um arranjo que eu fizera num canto de comunhão; por sinal, tratava-se de um dos cantos da missa de ordenação do Pe. João Luiz. A única lembrança concreta, a única experiência que tivera com ele. O jeito foi buscar informações.

A primeira pessoa a quem eu me dirigi foi o Pe. Carrara. E a resposta do Pe. Carrara à minha pergunta que lhe fiz sobre o Pe. Jayme foi esta mesma: simplicidade. Ele era a simplicidade em pessoa. E gostava muito do oratório, acrescentou. Aí, lembrei-me do Pe. Vidal, que me contara este detalhe interessante de sua vida. Gostava tanto do oratório, que, se alguém viesse pedir-lhe algum compromisso que fosse durante o oratório, ele respondia e se alterava: na hora do oratório, não. Só se o Papa mandar... e olhe lá. Eis aí um verdadeiro coração oratoriano. Estávamos ali bem junto do repuxo do noviciado, trabalhado em três patamares progressivos que deixam a água cair num pequeno lago... Que é a tentação de toda criança do oratório que passa por ali e quer ter a bomba ligada para ver a água jorrar barulhenta. Disse pequeno lago... Digamos melhor, poço. Foi aí que baixou a inspiração... poço... simplicidade. Lembrei-me do poço de Mornese. Simplicidade! A marca dos Becchi! E muito mais ainda, luminosa marca de Mornese! Tinha que ser uma marca salesiana. A simplicidade do poço. O poço que era parte integrante da vida dos mornesinos. O poço e sua plenitude!... O poço que se tornou fonte inesgotável para a juventude sedenta de Deus. Plenitude...

Poço! Profundidade... Perfurar a realidade em busca do autêntico que está entre aparências. Necessidade da experiência comunitária para a vivência da fé e do compromisso. "O essencial é invisível aos olhos." O poço nos coloca diante do essencial de nossa vida, nos convida a relativizar os aspectos e situações menos importantes... O poço de Mornese chegou até nós para nos transformarmos em mananciais de graça para os jovens sedentos de amor e justiça. O poço hoje é herança e traz a lembrança da água pura que nele brotou.

Eis aí o poço, marca de Mornese, marca dos Becchi, isto é, marca salesiana. Simplicidade. Marca ascética, miúda, macérrima, encaixada com toda exatidão, na estatura franzina do Pe. Jayme. Havia quem o chamasse de Pe. Rodolfo Komorek...! Marca salesiana: basta lembrar a Liturgia da festa de Santa Maria Mazzarello... Pai, fonte e doador de todo bem, que amais e encheis os corações simples e sinceros... em Santa Maria Domingas Mazzarello, nos ofereceis um modelo luminoso... Concedei-nos procurar vossa

verdade na simplicidade do coração e testemunhá-la sempre, em nossas ações de cada dia.

Padre Pasqual Liberatore descreve, com beleza inigualável, um rico panorama celeste: os santos. Ele os apresenta definindo-os numa riqueza surpreendente de matizes: ...Visíveis aos milhares como estrelas a olho nu, mas incomparavelmente mais numerosos no telescópio, que alcança também aqueles sem auréola... aí vislumbramos a estatura franzina, traçada na simplicidade do Pe. Jayme. Continua ele: ...Vulcões incandescentes, quase fendas no mistério do Fogo Trinitário. Apresenta, um por um, cada matiz, até encontrarmos o retrato perfeito do Pe. Jayme: ...Empenhados em contínuo esconder-se e, apesar de tudo, inevitavelmente luminosos como cidades colocadas sobre o monte. Como estrelas do céu: tão diferentes entre si e, no fundo, acesos num mesmo fogo.

Sua simplicidade o levava a procurar a perfeição pelos caminhos comuns, com tranquilidade interior. De saúde debilitada, parecia inteiramente conformado à vontade de Deus que o conduzia segundo sua divina Providência. Tomava a sua cruz e seguia a Jesus Cristo ao receber, de bom grado, todas as penas, contrariedades, aflições e mortificações que se apresentaram em sua vida. E ele parecia caminhar contente no meio das dificuldades da vida presente, aceitando, de braços abertos, as mortificações, penas e contrariedades que apareciam no seu caminho. Com certeza, tiveram o seu fim e agora só haverá alegria e consolação eternas. Padre Jayme nos ensinou, com sua vida, que as grandes oportunidades de servir a Deus são raras, mas as pequenas, muito frequentes. Por isso, passava a impressão de fazer bem todas as coisas. Era um testemunho. Uma lição. Hoje, ele vive, mais do que ninguém, a felicidade de estar constituído sobre muito, ele que fora fiel sobre o pouco... "Quem é fiel sobre o pouco, disse Jesus, será colocado sobre muito" (Mt 25,23). Com profunda humildade, aprovava, louvava e também amava a vontade soberana de Deus. Parecia inspirar-nos plena confiança e abandono total nas mãos paternas de Deus. Ensina São Francisco de Sales: ...Suponha que Nosso Senhor nos deixa escolher entre uma boa saúde ou a doença. Imaginemos que Ele nos diz: "Se escolher boa saúde, não retirarei nada da minha graça. Se escolher a doença, não a aumentarei nem o mínimo, mas a escolha da doença satisfaria um pouco mais a minha complacência". Uma alma, totalmente entregue e abandonada às mãos de Deus, escolheria, sem dúvida, a doença só para agradar um pouco mais a Deus. Numa palavra, o abandono é a virtude das virtudes.

Padre Jayme passava um belo testemunho, uma lição de vida. Sem ostentação, na simplicidade, no silêncio, ele se mantinha firme na pertença total a Deus; parecia não haver coisa melhor para ele. Com certeza, ele não pediu cruzes nem contrariedades para provar que era fiel. Simplesmente aceitou o que Deus lhe tinha mandado. Mostrou sua fidelidade em tantas oportunidades... na humildade, na amabilidade, na caridade para com o doente, no serviço cordial ao próximo.

Era homem de oração, frequentava as orações comunitárias com fidelidade, sempre rezava o terço, era grande devoto de Nossa Senhora Auxiliadora. Longe de impedir-lhe a oração, a doença, de forma alguma, afrouxou sua união com Deus. Parecia que o aproximava cada vez mais de Deus. Nós O procuramos e O encontramos, e Ele se encontra talvez mais na tribulação do que na oração; especialmente quando nos acontece estarmos doentes. A aceitação da enfermidade é a oferenda mais preciosa que podemos fazer a Deus... que nos salvou no sofrimento. Padre Jayme pode muito bem nos falar disso. Qual não terá sido a sua surpresa ao defrontar-se com o Mestre!... Através da chaga do seu lado aberto, terá visto o Coração todo ardente de amor que Ele demonstrou para com os seres humanos... Terá enxergado o seu nome escrito e inscrito ali...!

Ensina-nos nosso patrono, São Francisco de Sales: Quando estiver doente, ofereça a Nosso Senhor todas as suas dores, sofrimentos e todo o seu mal-estar. Peça-Lhe que acrescente tudo isso aos tormentos que ele sofreu por você. Obedeça ao médico, tome os remédios e alimentos e aceite outros medicamentos, tudo por amor a Deus. Lembre-se do fel que Ele tomou por amor a nós. Não recuse sofrer para obedecer-Lhe e disponha-se a morrer, se Ele quiser, para louvá-Lo e regozijar-se para sempre. Lembre-se de que as abelhas, enquanto fazem mel, vivem, alimentando-se de um sustento muito amargo. Assim não podemos realizar nunca atos de maior doçura e paciência ou produzir o mel de excelentes virtudes senão ao comermos o pão da amargura, vivendo em meio a aflições. Assim como o mel melhor se tira da florescência do tomilho, uma plantinha de sabor amargo, assim a virtude que se pratica na amargura das mais vis, desprezadas e rejeitadas humilhações é a melhor de todas.

Não sei dizer se o Pe. Jayme terá lido isso. Mas que terá vivido, quem sabe, mesmo sem ter lido, fica-nos evidente pelo seu testemunho. Ao pensarmos em seu zelo na pastoral carcerária, entramos na sua ótica. A de vermos o próximo, criado à imagem e semelhança de Deus. Ter-nos-á dito o Pe. Jayme, não tanto com palavras, mas com ações: olhem e considerem esta criatura, como se parece com o Criador!... Por amor a Deus que formou tal criatura à sua imagem e semelhança; e de quem é; para quem é; por quem é; em quem é.

Podemos falar muito de Deus, e até bonito. Digamos assim... Trazemos o Senhor na língua; às vezes é mais do que natural, especialmente se temos facilidade para falar. Falamos bonito e dizemos maravilhas. A falar qualquer um se atreve. Podemos trazer o Senhor no coração... Eflúvios exalam de um coração ardente... Incendiado de amor, pode até ser. Afetos, ternura, doçura; quase se derrete. Há uma terceira alternativa, sine qua non. Sem ela se desmentem as duas primeiras. Trata-se de trazer o Senhor nos braços, ou seja, nas obras, nas ações. Padre Jayme pode ter trazido o Senhor na língua... Pode ter trazido no coração... Mas a sua marca, que ele deixou mais eviden-

te, mais convincente, foi a dos braços. Ele trouxe-nos Deus nos braços de sua simplicidade.

A simplicidade é a grande marca do Pe. Jayme. A simplicidade agrada a Deus. Deus ama o que é simples. Sabemos que os grandes santos tinham prazer em realizar, com grande amor a Deus, pequenos atos de simplicidade e humildade. Ocultavam-se assim e se defendiam contra a vaidade. Tais ações foram agradáveis aos olhos de Deus, mais do que grandes e majestosas obras, quem sabe realizadas com menos amor e dedicação a Deus. Terminamos com o ensinamento do nosso patrono, de quem temos o nome e em quem Dom Bosco foi buscar inspiração para nos traçar o caminho que nos leva a Deus: A esposa na Sagrada Escritura (Ct 4,9) agrada o seu Esposo com um só fio de cabelo. É para que a gente se dê conta de que, numa alma amante de Deus, os atos que parecem muito triviais, no entanto são agradáveis à Majestade Divina.

Eis aí a melhor metáfora. O fio de cabelo: a simplicidade que marcou a caminhada terrestre do Pe. Jayme que, agora, nos sorri, na mesma simplicidade. Mas não falemos em metáfora, não. Falemos em realidade.

Tombou mais este salesiano de tempera rara, depõe o Pe. Fernando. Que Deus o receba em sua glória e o cumule de uma felicidade digna dos heróis, continua o depoimento. De fato, Pe. Jayme foi um verdadeiro herói, de um heroísmo escondido como diamante silencioso, incógnito nas pequenas ações do seu franzino cotidiano; um heroísmo escondido no sofrimento nem sempre revelado, nas suas costumeiras doenças. No heroico suportar de seus sofrimentos, mergulhado na grandeza do sacrifício... Na imensidão do oceano, uma gota é oceano. Podemos imaginar o quanto ele sofria com sua saúde debilitada... no silêncio... nem sempre terá deixado manifesta a sua dor. Eis o seu verdadeiro heroísmo. A imolação constante. Eis a sua oração. Ele era um homem de oração. Acentua o Pe. Vidal. A melhor oração ele a rezou com sua vida, com seu sofrimento, com sua saúde debilitada, na sua simplicidade: Sou um homem doente. Estou pregado com Cristo na cruz. Mas hei de ressuscitar um dia com Cristo. A ressurreição de Cristo é a nossa única esperança. Será e já é hoje, nossa Felicidade Total, Imperdível, Eterna, Divina... A oração é do Pe. Iannini; continua um pouco mais longa; o que citei representa um quarto do total. Ele termina solenemente, com um verso de ouro... Cristo é minha vida. Aleluia!

Isso mesmo, Pe. Jayme, sua oração-vida ou vida-oração terminou no eterno Aleluia. Solene... mais grandioso e mais melodioso do que o Aleluia de Mozart... Infinitamente mais sonoro, mais harmônico e mais solene do que o Aleluia de Haendel.

Padre Geraldo Martins Lisboa

Pe. Fernando Rodrigues

Já conhecia o Pe. Jayme desde o aspirantado. Estava dois anos à minha frente nos estudos. Mas tive pouco contato com ele, pois eu era dos médios, e ele, dos maiores. Não nos podíamos comunicar de maneira alguma, sob pena de sermos mandados embora.

Depois, só fui encontrá-lo na Filosofia, Teologia, em Silvânia, além de Goiânia. Posso dizer que ele sempre se demonstrou uma pessoa estudiosa, metódica e muito meticulosa. Por causa de sua humildade, não se sobressaía diante dos demais. Era amigo de todos, sobretudo muito respeitoso para com os superiores, obediente e, como padre, disponível para o ministério.

Apreciava a leitura de livros sérios, formativos e de documentos da Igreja. Estava sempre em dia nesse campo. Admirava esses seus hábitos a ponto de aconselhá-lo a fazer palestras, pregar retiros, mas mudava imediatamente de assunto.

As pessoas estranhavam seu cardápio alimentício: completamente diferente dos demais e em pequena quantidade. Isso pode ter sido uma das causas de suas costumeiras doenças. Ninguém conseguiu dissuadi-lo desse costume.

Muito benquisto pelos paroquianos por onde passou, era muito procurado para celebração de missas, confissões, encomendações, administração de sacramentos

Uma de suas devoções foi ao Pe. Rodolfo Komorek, sendo também seu propagandista. Alguns até chegaram a chamá-lo de outro Pe. Rodolfo. Uma das pastorais que muito apreciava era a carcerária. Conseguiu arrebanhar muitos leigos para esse apostolado. Era de se admirar seu empenho e sacrifício neste mister.

Tombou mais este salesiano de tempera rara, deixando, após si, uma esteira luminosa de obras e merecimentos. Que Deus o receba em sua glória e o cumule de uma felicidade digna de heróis. Paz à sua alma!

Reminiscências

De 1992 a 1994, convivi na comunidade salesiana de Vila Nova, Goiânia. Lá estava o Pe. Jayme havia já alguns anos. Muito franzino e magro, mas sempre agitado, com passos rápidos, circulava entre a igreja paroquial (Sagrado Coração de Jesus), a escola e o oratório.

Na igreja, foi sempre zeloso. Preparava com esmero as liturgias, fosse uma missa, casamento ou batizado. Sempre fazia pequenas anotações para suas reflexões. Dedicava-se, sobretudo, ao atendimento das confissões e à visita aos enfermos. Mantinha a unidade dos vários movimentos leigos da Paróquia: RCC, Apostolado da Oração, Legião de Maria, Marianos. Todos gostavam dele. Sua "menina dos olhos", porém, eram os oratorianos.

Padre Jayme dedicava-se também à pastoral carcerária, com visitas periódicas (sempre dificultadas pelos agentes ou delegados de plantão), quando levava aos detentos material de higiene pessoal, cigarros, além, é claro, do conforto espiritual. Como desdobramento disso, muitas vezes, ele foi vítima de chantagem e, ou, ameaças de ex-presidiários e, ou, seus familiares, que acorriam até ele, pedindo ou exigindo dinheiro. Eles contavam as mais mirabolantes e criativas histórias. E lá estava o Pe. Jayme, acuado, amedrontado. E para se livrar daquela situação, acabava se desfazendo de sua minguada aposentadoria. Os salesianos da casa tiveram que intervir, proibindo-o de receber tais pessoas. Às vezes, ele até as levava para a cozinha. Ele era bondoso.

Homem de oração, frequentava as orações comunitárias, sempre rezava o terço; era grande devoto de Nossa Senhora Auxiliadora. Mas houve uma vez em que ela não o protegeu, devido à sua imprudência: ele estava retornando da missa, à noite, em seu fusquinha, e rezava o terço com um rosário na mão, enquanto dirigia; perdeu o controle do carro e bateu num poste. Nada de grave; apenas quebrou o nariz e teve alguns arranhões. Ele sempre contava esse fato achando graça!

Ele sempre se achava distraído e, batendo a mão na testa, dizia: "Que cabeça!". Uma vez, narrou que, na visita do Papa à Goiânia, ele e o Pe. Pedro Celestino foram de carro. Custou-lhes estacionar o fusquinha no meio daquelas centenas de carros, espalhados naqueles pastos e morros, no entorno do local da concentração. Andaram muito até chegar próximo ao palanque. Concelebraram com dezenas de padres. Tudo foi lindo. Quando terminou, na hora de voltar, a coisa ficou complicada. Ele não se lembrava mais onde estacionara o carro. No meio de tanta gente e carro se movimentando, e ao poeirão, ele andou, andou e desanimou. À sombra de um arvoredado, sentou-se. Três horas depois, ele avistou, ao

longe, o último carro naquele imenso descampado. Era o dele. Cansado, mas com a alma lavada, voltou para casa.

Padre Jayme sempre teve a saúde debilitada. Certa vez, ele explicou-me por quê. Desde bem jovem, ele reclamava de problemas intestinais; tudo que comia lhe fazia mal. Um diagnóstico médico errado fizera com que ele se acomodasse a isso, como uma sina. Então sempre se alimentou mal. Muitos anos depois, outro exame revelou que ele tinha um desvio no esôfago, próximo à laringe, onde restos de alimento se acumulavam, origem de seu constante mal-estar. Fez cirurgia, resolveu seu problema. Mas, depois de tantos anos, permaneceu o medo de comer certos alimentos. Ele ficava cismado. Mas experimentava muitos alimentos exóticos: raízes, sementes, ervas, como se remédios fossem. E assim se automeDICAVA. Porém não conseguiu superar a magreza.

Sílvia Rezende Soares de Carvalho, Goiânia-GO

Padre Jayme de Oliveira Rocha

Agradeço ao Pai do céu ter trabalhado com ele, como também com os outros padres que passaram pela Paróquia Sagrado Coração de Jesus, em Vila Nova, Goiânia.

Padre Jayme me ajudou muito no Ensino Religioso. Toda manhã e à tarde, com os alunos em fila, no pátio da escola, ele fazia a oração.

Outra coisa muito importante: ele tomou frente no Oratório São Domingos Sávio, onde algumas pessoas o ajudavam.

Gostava também de ajudar as pessoas doentes. Dei graças a Deus porque, várias vezes, estive na Inspetoria Salesiana, em Belo Horizonte, para uma visita a ele. A última foi em fevereiro deste ano, com minha filha Fátima. Senti que ele não estava bem.

Pela sua humildade e bondade, ele será um grande santo. Obrigada, meu Deus, por várias vezes, ter recebido o Pe. Jayme em minha casa e ter o prazer em fazer o pão integral, do qual ele tanto gostava.

DADOS PARA O NECROLÓGIO

P ROCHA, Jayme de Oliveira

* 8 de maio de 1930 - Santa Maria do Suaçuí-MG

+ 13 de abril de 2010 - Belo Horizonte-MG

Primeira profissão religiosa: 31 de janeiro de 1949

Ordenação presbiteral: 8 de dezembro de 1958.

*“Combati o bom combate,
completei a carreira,
guardei a fé.”*

2 Timóteo 4,7



SALESIANOS

INSPECTORIA SÃO JOÃO BOSCO

Av. Trinta e Um de Março, 435 – Dom Cabral
CEP 30535-000 – Belo Horizonte – MG
Fone: (31) 2103-1200 – Fax: (31) 2103-1201
isjb@salesiano.br – www.salesianos.br